

«Sobre a nudez forte da verdade,
o manto diáfano da fantasia...»

Os acontecimentos de 9 de Maio cifram-se, ao nível da Imprensa diária, por três comunicados: um da P.S.P., outro do M.E.N., e ainda outro proveniente da Reitoria.

Neste último, o Magnífico Reitor, depois de tecer considerações sobre o que seria o seu programa ("pacificação", "despolitização" e "reforma"), diz nomeadamente: "Infelizmente as nossas esperanças não se confirmaram. Com efeito, autorizei a efectivação na noite de 9 para 10 de Maio, nas instalações académicas, de um espectáculo cuja realização foi lamentavelmente perturbada, donde se originaram incidentes condenáveis.

Nesta circunstância, tornando-se imperioso para apuramento das responsabilidades e para definição de directrizes futuras, esclarecer completamente o que se passou, solicitei ao Senhor Ministro da Educação Nacional que se dignasse mandar proceder a um inquérito rigoroso à totalidade dos acontecimentos verificados, seus antecedentes e conseqüentes",

O aparecimento deste comunicado surge-nos como uma tentativa de ultrapassagem por parte do Senhor Reitor - afinal representante da tendência, dita "literalizante" - de críticas abundantemente formuladas pelos sectores mais reacçãoários do Regime.

Interessa, por isso, saber o que o Reitor até este momento representou (e continua a representar,..) para o Movimento dos Estudantes de Coimbra.

A equação correcta deste problema exige, contudo, um pouco de história:

1 - A crise universitária do ano passado, iniciada como movimento de solidariedade de toda a Academia em relação aos dirigentes suspensos, surge sob o signo da "reivindicação de os estudantes participarem em todas as instâncias onde se decide da vida da Universidade"...

O desenvolvimento da crise possibilita, no entanto, que a grande maioria dos estudantes vá tomando gradualmente consciência directa da caducidade da estrutura universitária, e da necessidade de uma Reforma, grangeando para isso o apoio esmagador da maioria do corpo docente, (abaixo-assinados dos professores, constituição de Comissões Paritárias, etc).

Neste sentido, o Movimento dos Estudantes desenvolvia-se paralelamente aos planos de certa facção de apoio ao regime marcelista (a grande burguesia financeira e industrial), a qual via (e continua a ver,..) na REFORMA um meio de adaptar a Universidade às necessidades de desenvolvimento do Capitalismo em Portugal. Necessidades essas que postulam uma reestruturação do sistema de ensino superior...

2 - Porém, a espantosa afirmação de unidade e coesão do Movimento Estudantil, a prova de força a que o Governo (para salvar a pele) irá obrigado, exigirá deste intermediário que só a aplicação, por parte dos estudantes, dos mesmos métodos de luta na época de exames de Outubro poderia fazer vergar...

Uma obstinação a estancar em Outubro seria obrigada o governo a capitular em todas as frentes : levantamento dos processos disciplinares e judiciais, concessão de épocas especiais de exame, reabertura do A.A.C., paralisação de novas medidas repressivas, demissão das autoridades académicas e do ministro I.H. Saraiva...

A tibieza demonstrada pelos estudantes - de modo nenhum compensada pela alternativa de outra forma de luta - vai reforçar temporariamente a facção mais "ultra" do Regime que desde logo impõe novas medidas repressivas : a incorporação forçada nas Forças Armadas de 49 estudantes, a breve troca acompanhada de suspensão da frequência a outro estudante (pelo facto de distribuir comunicados...).

3 - Desorganizado o Movimento Estudantil, privado esta de uma equipa dirigente experimentada ou não-viciada por muitas erradas de trabalho, estava preparado o terreno para a entrada em cena de um novo personagem que, sob o signo de "popularização", poderia congrega-los e sua volta um grande sector do Movimento Estudantil, dada a necessidade insidiável de proceder a um apogamento dos sequelos da crise do ano transacto.

Esse novo Reitor, para além de granjear a simpatia dos estudantes, devia estar animado de uma profunda determinação em interpretar na Universidade de Coimbra os planos reformadores do programa do governo do novo M.E.N. - Prof. Veiga Simão...

4 - É dentro deste enquadramento que, em Janeiro deste ano, é nomeado para Reitor da Universidade o Prof. Gouveia Monteiro que, como condição de aquisição do cargo, exige o apoio da Académia.

Atacado desde logo pela antiga "clique" dirigente - o Prof. Mir não dormiu e os seus sequazes iniciam desde logo uma política de raptações agora claramente denunciada - o novo Reitor é recebido pelos estudantes com um sentimento de cautelosa expectativa.

Não se tratava, para os estudantes, de apoiar-lo, mas de buscar o seu apoio, e é neste sentido que, na Assembleia Magna em que o Reitor comunicou à Académia o seu projecto de "representar a Universidade junto do Governo", os estudantes lhe submetem um CA- RTERNO REVOLUCIONÁRIO, no qual se definem as condições para uma completa popularização da vida universitária.

5 - Interessava, porém, ao Governo :

- a) uma cisão no Movimento Estudantil Português;
- b) uma desorientação do Movimento dos Estudantes de Coimbra;
- c) a conquista dos estudantes de Coimbra para os seus "plano de reforma", os quais de forma nenhuma se identificam com a reivindicação estudantil de uma REFORMA DEMOCRÁTICA DA UNIVERSIDADE.

Como conseguiu-lo ?

Desde logo, o Ministro da Educação, no seu discurso de tomada de posse, começou por utilizar d'isto, focando certos temas que, até então, constituíam monopólio do Movimento Estudantil : Autonomia da Universidade, Democratização do Ensino, Participação Estuden- til, etc.

Previamente, com isto, opaziguer a desconfiança entre os estudantes, e contentar os mais renitentes com certas "rebuçados" especialmente atractivos: levantamento de proces- sos disciplinares, reabertura e eleições em certas Associações, etc.

Por outro lado, ao convidar os dirigentes estudantis a participarem numa mesa- redonda sobre a Reforma da Universidade, procurava conquistar-se a goleiagem e priori dos estudantes para a "reforma governamental", e comprometer os representantes dos estu- dentes num trabalho - viciado desde logo pela ausência da liberdade de informação - cu- jos resultados eles não poderiam vir mais tarde a contestar.

O problema mais espinhoso para o Governo era o levantamento das medidas repressi- vas aos dirigentes estudantis de Coimbra do ano transacto... Com efeito, dada a res- sonância da Crise a nível nacional, interessava ao Governo uma DILIGÊNCIA, de qual pu- desse resultar (pelo menos aparentemente...) algo como um parêch, de "insubordinação e conpou- reira"...

Essa medida não se tinha, contudo, astringido necessário para contentar os estudantes de Lisboa, visando-se por isso com essa "diligência" :

- 1 - dividir a opinião entre os estudantes de Lisboa e de Coimbra;
- 2 - Demonstrar aos estudantes de Coimbra as "virtudes" das medidas conciliatórias e a boa vontade do Governo;
- 3 - Descreditar a perspectiva de luta de massa como método válido para a satisfa- ção das reivindicações estudantis...

Conscientes da necessidade de normalização, os estudantes de Coimbra reagiram, contudo, a esta ofensiva da maneira mais concentrada com a defesa dos seus interesses: assim, aceitando a realização dessa diligência, deram-lhe a sua devida dimensão:

- a diligência ao Presidente da República não era senão uma reprodução daquela que o próprio Governo recusara durante a Crise;

- os estudantes participantes nessa diligência faziam-no na qualidade de dirigentes da A.A.C. durante a Crise de 1969, e não na qualidade de actuais representantes dos estudantes de Coimbra.

6 - Em todo este processo, qual o papel desempenhado pelo Reitor Gouveia Monteiro?

É evidente que as linhas mestras do seu ideário - "pacificação", "despolitização" e "reforma" - a serem aceites pelos estudantes como ideário do próprio Movimento Estudantil fariam correr a este último o risco inevitável de passar a gravitar totalmente à volta das intenções e das atitudes do Magnífico Reitor.

O Movimento Estudantil, para preservar a sua AUTONOMIA face aos planos do Governo marcelista de neutralizar e conquistar a sua colaboração para objectivos contrários aos seus interesses, deverá dar a devida dimensão a essas formulações abstractas; isto é, deverá interpretar correctamente o que elas significam nas situações concretas.

Assim, face a uma provocação fascista hábilmente entredesejada no sentido de servir do Movimento Estudantil como "tropa de choque" para pôr em causa o próprio Reitor:

1.ª - PACIFICAÇÃO significa recorrer a um INQUÉRITO pretendidamente imparcial, colocando o mesmo plano da responsabilização pelos incidentes na intervenção de uma Academia ultra-traiada por um lado, e um maquiavelismo dos provocadores e a repressão policial, por outro.

2.ª - DESPOLITIZAÇÃO - significa pretender escamotear o complexo jogo de forças políticas que neste momento tem lugar no seio da camada dirigente - e que na Universidade tem o seu reflexo no conflito que opõe o Magnífico Reitor à Camãrila ultra-reaccionária de Miranda Barbosa, Pacheco de Amorim e Companhia...

DESPOTIZAÇÃO significa servir-se do Movimento Estudantil com "peão de braga" para esmagamento da outra facção...

3.ª - REFORMA - significa pretender que uma simples reestruturação do sistema Universitário (em moldes que apenas excluam dos centros de decisão a atinga clique dirigente!), é aquilo que os estudantes pretendem...

Aquilo que os estudantes pretendem é uma REFORMA DEMOCRÁTICA DA UNIVERSIDADE, que a coloque no serviço não duma minoria, mas dos reais interesses do povo português!

Dentro desta ordem de ideias, seria da nossa parte tão simplista ou errado considerar o comportamento do Magnífico Reitor num plano de honestidade ou lealdade, como simplista ou errado terá sido, em alturas anteriores, pôr o problema das relações Movimento Estudantil-Reitor em termos de apoio ou não apoio a um Reitor nomeado pelo Governo...

Nenhuma surpresa é pois legítima, como ilegítimo é falar-se em retirar apoio ao Reitor...

A atitude dos estudantes deve ser de uma lucida e profunda compreensão dos complexos factores políticos em jogo, a partir do qual não vejam (ou não continuem em ver)... No Reitor algo diferente daquilo que ele é.

À Reitoria cumpria, pois - encerrado nesse complexo jogo de forças - definir uma atitude que fosse simultaneamente um compromisso e um ganhar de tempo até que o terreno comece a ser mais fino...

Sabem porém os estudantes que os acontecimentos de 9 de Maio são fundamentalmente da responsabilidade da OTEC e das forças ocultas que a manobram. Além, a actuação desta foi bem clara quanto, antes de evaganda a sala por ordem do Magnífico Reitor cantaram o hino Nacional fazendo a saudação Nazi.

Sabem também os estudantes que os verdadeiros responsáveis esburfo hábilmente fortar-se à devida prestação de contas, não falando já na polícia usaram a costureira em sair imune toda a arbitrariedade repressiva.

Sabem os estudantes que o Governo não costuma sacrificar (senão quando deles já não precisa) os seus elementos repressivos. Têm a convicção que nunca o inquérito será sequer satisfatório. Os estudantes têm já suficiente experiência da "coragem" e da "imparcialidade" dos inquiridos. E deste já declaram que só tomariam em consideração (e com as limitações) os resultados, se tal inquérito por eles pudesse ser livremente fiscalizado através da Direcção-Geral.

Será também firmemente repudiada qualquer tentativa de adiar a homologação dos corpos gerentes eleitos, por presumíveis responsabilidades nos factos ocorridos ou subsequentes. Acresce ainda que o retardamento dela de modo nenhum contribuirá para a apregoada "pacificação". Antes pelo contrário...

Do balanço da situação, resulta que da maneira a um tempo firme e serena como os Estudantes souberam e sabem continuar a agir, muito de positivo para o Movimento Estudantil pode derivar:

- para além do desmascaramento das manobras terroristas da ultra-reacção, e da plena tomada de consciência pelos Estudantes da absoluta necessidade da autonomia táctica e estratégica para o seu Movimento, resulta ainda um passo em frente no sentido de encontrarem uma dimensão nacional para a sua luta.

LUTANDO COM AS SUAS PRÓPRIAS ARMAS

NO TERRENO QUE ELE PRÓPRIO ESCOLHERÁ

O MOVIMENTO ESTUDANTIL IRÁ DE VITÓRIA EM VITÓRIA

NA CONSTRUÇÃO DE UMA UNIVERSIDADE

AUTÓNOMA

CRÍTICA

DEMOCRÁTICA

POPULAR

Coimbra, 14 de Maio de 1970

OS ESTUDANTES DE COIMBRA EM REUNIÃO GERAL